



Circulação midiática audiovisual nas lógicas dos hiperlinks

Circulation of the media audiovisual in the hyperlinks logics

Dinis Ferreira Cortes

Palavras-chave: Audiovisual; Hiperlinks; Algoritmos; Circulação; Netflix.

O presente texto busca refletir sobre os processos de circulação midiática presentes na interação através de hiperlinks entre interagentes e a plataforma de streaming Netflix. O audiovisual na sua historicidade arqueológica absorveu durante o desenvolvimento e a segmentação tecnológica diferentes características técnicas que o modelam como formato, tendo hoje inúmeras formas e modelos do que podemos entender como audiovisual.

Buscando um diálogo sobre a problemática, Kilpp (2016, p. 1) estabelece as referências fundantes das audiovisualidades nas mídias, entre elas elencamos uma fundamental para a compreensão dos processos de atualização do audiovisual:

Como virtualidade, o audiovisual só age diferenciando-se, atualizando-se. Ele é o modo “daquilo que é”. Ele não tem de existir, mas de atualizar-se, que é o modo pelo qual ele passa a agir. Nessa diferenciação (criação) ele guarda sempre algo de sua origem. Em nossa pesquisa precisamos estar muito atentos ao movimento de atualização do audiovisual para compreendê-lo.

Considerando o pensar de Krapp (2018), as pesquisas na área tangem angulações metodológicas e teóricas que contextualização os objetos a serem investigados considerando três focos vinculantes centrais: o foco social, o foco técnico e o foco cultural. O foco social abrange a teoria das rede de atores, o construtivismo, a análise do



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

discurso, a teoria de gênero, a teoria crítica, política e leis. Numa contextualização com o foco técnico temos os estudos cibernéticos, a arqueologia da mídia e a teoria das redes. Como foco cultural as pesquisas permeiam os estudos culturais, a etnografia, a filosofia da mídia e a psicanálise.

Nesse sentido, observamos que para termos uma visão sistêmica do audiovisual tendemos a recorrer a uma dinâmica de investigação que nos coloca muitas vezes a par do que é o cultural, ou o social, descartando o técnico, ou vice versa. Ao observa uma plataforma que está imersa aos processos de consumo como é o caso do Netflix, temos uma visão sobre o que ocorre quando uma arte, técnica-estética é utilizada com novos artifícios de usos e apropriações, ou de atualização como refere Killp (2016).

Para Krapp (2011, p. 2), “nas novas mídias a arte não se apresenta mais como narrativa; suas formas não têm começo ou final, nenhuma sequência predeterminada”. O autor reforça a diferentes formas como a narrativa pode ser afetada e transformada no processo, a narrativa é posta como uma organização facilmente manipulada de acordo com as necessidades estruturais da plataforma técnica que a veicula, considerando diferentes perspectivas e graus de interesse. É o caso da plataforma de streaming Netflix, que cria conteúdos e os distribui aos usuários através de um banco de dados projetando na sua organização episódios seriados sequências de temporadas que levam o usuário a acompanhar oito episódios de uma série audiovisual sem interrupções. A narrativa é sobreposta por uma estratégia e modeladora de construção da atenção do público, mais que isso é tecnicamente articulado por meios centralizadores de informações em bancos de dados criados de acordo com o interacional com os hiperlinks expostos.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

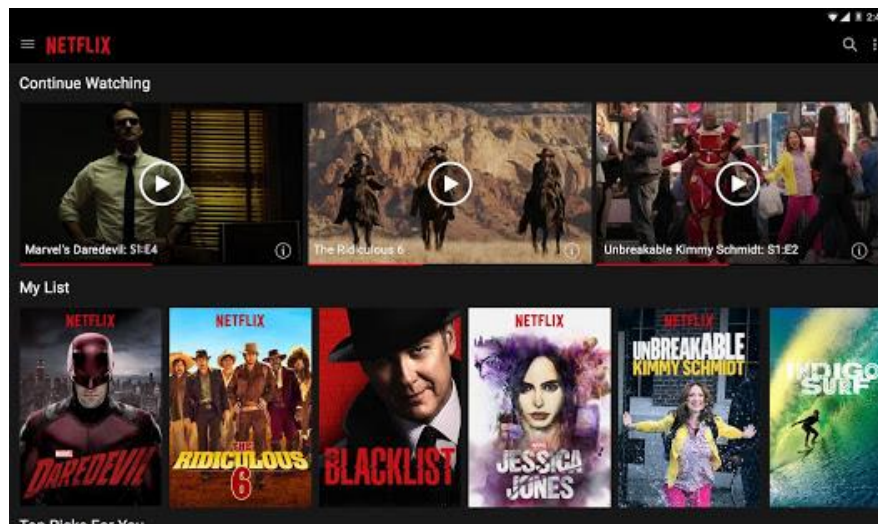


Imagem 1 - Netflix dispõe de um mosaico de hiperlinks oriundos das ações interacionais dos usuários.

No primeiro parâmetro do foco social e cultural temos as referências emanadas pelos seus usuários que configuram e reconfiguram as relações de distribuição do conteúdo a partir dos processos interacionais com a plataforma. Nesse movimento de identificação e organização de referências interacionais, o interagente é imergido aos processos técnicos pré-determinados pelo algoritmo que o leva adiante no processo de consumo dos produtos audiovisuais ali ofertados (Imagem 1). Não temos, portanto, uma matriz difusa de conteúdos, ou seja, descentralizada, mas sim um processo centralizado de disposição de hiperlinks que levam o interagente a novas e mais imersivas experiências pré-configuradas.

Indo de encontro com a ideia proposta por Ted Nelson no livro manifesto “Computer Lib” republicado em 1987, o certo é que se não tivéssemos a instituição do código HTML na internet haveria maior liberdade, tal linguagem originária da World Wide Web traz um controle sobre o movimento de operações dos hiperlinks disponíveis aos usuários. Nelson (1987), defende o não controle dos rastros de acesso a conteúdo.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Krapp (2011, p. 6), resgata na visão de Lévi-Strauss o conceito sobre hipertexto presente na literatura. Para Strauss, o hipertexto ativa notas da memória, restaurando possibilidades de contingência. O hipertexto na tela não seria uma novidade mas sim uma atualização de algo primitivo já presente em cartões de nota ou jogos de cartas. Manovich (2005, p.29) contextualiza na perspectiva da exibição de um audiovisual em um cinema, as diferentes interferências modeladoras que as linguagens, e os meta-textos tensionam na experiência do usuário com um peça audiovisual.

igual que los objetos de los nuevos medios contienen una jeraquía de niveles (interfaz-contenido, sistema operativo-aplicación, página web-código HTML, lenguaje informático de alto nivel-lenguaje ensamblador-lenguaje automatizado), la película de Vertov contiene al menos tres niveles. Uno de ellos es la historia de un operador de cámara que rueda material para la película acabada en una sala de cine. Y el tercer nivel es la propia película, que consta de metraje filmado em Moscú, Kiev y Riga, organizado em función de la progressión de un solo día: el desperta-el trabajo-las actividades de ocio. Si este tercer nivel es um texto, cabe pensar em los otros dos como sus metatextos. Si una película de vanguardia <<normal>> propone um lenguaje coherente que es distinto del cine mayoritario, es decir, um pequeño conjunto de técnicas que se repiten, El hombre de la cámara nunca llega a nada que se parezca a um lenguaje definido (2005, p. 29).

Ao relacionar o que diz Manovich com o que é praticado pelo Netflix, podemos observar que há diferentes níveis de interceptações dos conteúdos que podem redirecionar o que encontramos como experiencial com os múltiplos hipertextos que tensionam e redirecionam as narrativas audiovisuais algorítmicas atualizadas.

Nesse sentido, Fausto Neto (2010, p. 11) diz que no processo de circulação, “não podendo enfrentar a indeterminação, desenvolve-se estratégias que possam manter produtores/receptores em possíveis “zonas de contatos” ou, de “pontos de articulação”. No espaço da circulação midiática (Ferreira, 2013) a midiatização passa por mutações que resignificam contextos. Os hiperlinks trazem esse operacional proveniente de



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

bancos de dados e algoritmos, mas no fundo carrega também signos para aqueles que interagem com determinada plataforma, no caso, o Netflix e os filmes ali disponibilizados.

Verón (2014, p. 14-15) trabalha com a concepção de mediatização a partir dos fundamentos da semiose socio-cultural. Ou seja, historicamente a mediatização surge com a formação da semiose do homem frente a associação de processos sócio-técnicos e culturais. São, portanto, como chamado pelo autor de os fenômenos midiáticos que exteriorização a semiose da mente do ser humano. Um dos exemplos seria portanto a constituição de uma ferramenta de pedra elaborada para caçar e como mediatização expressa semanticamente aspectos culturais e sociais expressos na sua constituição técnica.

Quando observamos na lógica dos hiperlinks do Netflix, essa ordem sistêmica exteriorizada opera como um dispositivo refletido de ações de absorções de informações pela plataforma com o usuário através de opções de escolhas, sejam elas por ordenação cultural, social e também muitas vezes comercial da própria instituição que os fornece como opção para determinado interagente individualizando o mesmo por suas características de acesso.

Referências bibliográficas

- FAUSTO NETO, Antonio. A circulação além das bordas. In: _____ Mediatización, sociedad y sentido: diálogos Brasil y Argentina. Rosário: UNR, 2010.
- FERREIRA, Jairo. Como a circulação direciona os dispositivos, indivíduos e instituições? In BRAGA, José Luiz; et al. Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2013.
- KILP, Suzana. Referências fundantes das audiovisualidades nas mídias - <http://blog.suzanakilpp.com.br/2016/01/20/referencias-fundantes-das-audiovisualidades-nas-midias/> Acessado em 01.07.2018;
- KRAPP, Peter. Baseado no seminário intensivo Déjà vu: Aberrações da Memória Cultural, ministrado no programa de pós-graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos. Brasil, Maio de 2018.



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

KRAPP, Peter. *Electronic Mediations - Noise Channels: Glitch and error in digital culture*. Londres, Inglaterra: University of Minnesota, volume 37, 2011.

MANOVICH, Lev. *El lenguaje de los nuevos medios de comunicación: la imagen en la era digital*. Barcelona, Espanha: Ediciones Paidós Ibérica S.A, 2005.

NELSON, Ted. *Computer Lib*. Estados Unidos: Microsoft Press, 2ª Edição, 1987.

VERÓN, Eliseo. *Teoria da mediatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências*. Matrizes: São Paulo, 2014.